

# NIETZSCHE E O DESPERTAR DE UMA NOVA MORALIDADE EM AURORA<sup>1</sup>

Robione Antonio Landim<sup>2</sup>  
Bárbara Tomaz Dias Nascimento<sup>3</sup>  
Bruno Diego Santos Pereira<sup>4</sup>  
Genilson Pereira Martins<sup>5</sup>  
João Vitor Soares<sup>6</sup>

## Resumo

O presente projeto de pesquisa pretende compreender as condições de possibilidades para uma nova moralidade em **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais (2016). Este livro se propõe como tarefa principal problematizar a moral. Na perspectiva nietzschiana, a moralidade não é outra coisa senão obediências a costumes, e não importam quais sejam. Costumes, por sua vez, são a maneira tradicional de agir e avaliar. Na sua origem, a ação boa é aquela que reproduz, por obediência, os preceitos tradicionais. Romper com a tradição não é visto como uma atitude moral. Por esta razão, o individual é considerado um mal. No entanto, sempre irromperam valorações novas. A loucura e a solidão tornaram-se as condições para romper o jugo de uma moralidade e instaurar novas leis. Nesse sentido, a loucura é tomada praticamente como uma medida para que o indivíduo não seja anulado sob a marca da ‘maldade’ e da ‘imoralidade’. Louco são os inovadores em todos os campos. A solidão é um momento de sobriedade, de revigoramento. Ela é profilática, isto é, preventiva.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Moral. Sujeito. Solidão. Loucura

## 1 INTRODUÇÃO

A moral é um assunto caro à filosofia de Nietzsche. Isso é fácil de ser percebido em seus escritos, pois o próprio filósofo na obra *Aurora*, especialmente no seu subtítulo, deixa explícito a sua proposta, a saber, estabelecer uma reflexão sobre os “preconceitos morais”. Trilharemos assim

---

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado do Projeto de Iniciação Científica – Nietzsche e o despertar de uma nova moralidade em *Aurora* - desenvolvido ao longo de 2022, com o financiamento do UniAcademia.

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário Academia. E-mail: robionelandim@uniacademia.edu.br.

<sup>3</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: barbaradiasbabu@gmail.com.

<sup>4</sup> Discente do curso de Filosofia do Centro Universitário Academia. E-mail: 22brunodiego@gmail.com.

<sup>5</sup> Discente do curso de Filosofia do Centro Universitário Academia. E-mail: genilsonmartins94@gmail.com.

<sup>6</sup> Discente do curso de Filosofia do Centro Universitário Academia. E-mail: joavovs.900032189@uniacademia.edu.br.

como Nietzsche um caminho pedregoso, mostrando a “genealogia da moral”<sup>7</sup> e, como ela está baseada em pré-conceitos.

Dessa maneira, a busca pela origem da moralidade dos costumes não tem uma conotação cronológica, no sentido de determinar uma data de existência na história; quando o filósofo menciona no início do aforismo §9 “em relação ao modo de vida de milênios inteiros da humanidade” (NIETZSCHE, A<sup>8</sup> §9) ele quer mostrar que a moralidade dos costumes tem uma gênese humana, que não existe por si mesma, mas que corresponde a um conjunto de normas, regras e tradição estabelecido ao longo da história.

A tarefa de Nietzsche em *Aurora* é solapar a confiança na moral. Por que Nietzsche se coloca como uma contradição frente a moral? Porque

não desejamos voltar ao que consideramos superado e caduco, a algo “indigno de fé”, chame-se ele Deus, virtude, verdade, justiça, amor ao próximo; de que não nos permitimos fazer pontes de mentiras em direção a velhos ideais; de que somos fundamentalmente hostis a tudo o que em nós gostaria de mediar e mesclar; hostis a toda espécie atual de fé e cristianismo; hostis ao mais ou menos de todo romantismo e patriotismo; também hostis ao deleite e falta de consciência dos artistas, que quer nos persuadir a adorar aquilo em que já não cremos – pois nós somos artistas –; hostis, em suma a todo o *feminismo* (ou idealismo, se preferem) europeu, que eternamente “atrai para cima” e, com isso, eternamente “arrasta para baixo”: - apenas como criaturas *dessa* consciência sentimo-nos parentes da retidão e piedade alemãs de milênios, embora como seus rebentos mais discutíveis e derradeiros, nós, imoralistas, nós, ateus de hoje, e até mesmo, em determinado sentido, como seus herdeiros, como executores de sua mais íntima vontade, de uma vontade pessimista, como dissemos, que não teme negar a si mesma, porque nega com *prazer!* Em nós se realiza, supondo que desejem uma fórmula – *a autospressão da moral* (NIETZSCHE, A, §4).

A autospressão da moral que o filósofo faz referência significa que ele não considera mais como digno de fé os ideais que até então vigoraram. Tais ideais se tornaram ultrapassados, caducos. Por isso mesmo o cristianismo, enquanto veículo moral, também é hostilizado.

---

<sup>7</sup> Embora o método genealógico tenha sido desenvolvido de forma explícita na obra *Genealogia de moral*: uma polêmica, em 1887, observamos que no conjunto dos aforismos de *Aurora*, escrito em 1881, uma investigação que também visa dar conta da gênese da moral. Isso nos faz pensar se, de fato, o livro *Aurora* é apenas uma filosofia transitória, conforme compreendida por Dias (2014).

<sup>8</sup> É consensual, ao citar trechos dos escritos de Nietzsche, se referir sempre a sigla da obra em questão, seguido do número do aforismo citado. As siglas para as obras nietzschianas usadas neste estudo são: A (2016).

Um empreendimento desse não se faz da noite para o dia, de maneira imediata. Não se trata da explosão de um simples edifício. O alvo das dinamites nietzschianas é o edifício moral que foi erguido desde Platão; mesmo sendo considerado como *aere perennius* [mais duradouro que o bronze] tal construção ameaça a desabar ou já se encontra em ruínas. Mas para levar a cabo esta tarefa é preciso “dar-se tempo, ficar silencioso, ficar lento – como uma ourivesaria e saber da *palavra*, que tem trabalho sutil e cuidadoso a realizar, e nada consegue se não for *lento*” (NIETZSCHE, A, Prólogo, §5). Embora estejamos numa época que tudo quer logo terminar, a crítica da moral não é uma atividade que se finda apressadamente; pelo contrário, ela exige lentidão, que se olhe “para trás e para diante, com segundas intenções, com as portas abertas, com dedos e olhos delicados...” (NIETZSCHE, A, Prólogo, §5). O problema da moral não tem pressa de ser resolvido nem completado. A problematização da moral é um convite a assumir uma determinada postura frente aos valores e avaliações que foram estabelecidos, que estimamos e que ainda serão legislados futuramente. Portanto, é um trabalho que não tem hora para acabar, mas que deve sempre começar e recomeçar! Trata-se de uma tarefa que exige coragem para seguir em frente, pois, ainda “há tantas auroras que não brilharam ainda”.

Com a reflexão acerca da moralidade dos costumes, apresentado no aforismo §9 de *Aurora*, abordaremos o conceito de **moralidade** e de **tradição** evidenciados nesta obra. Em suma, o epicentro da crítica de Nietzsche na obra *Aurora* é a moral, por certo, a moralidade dos costumes é um dos núcleos mais investigados pelo filósofo. Em paralelo, buscaremos evidenciar os métodos nietzschianos que serão usados na sua investigação dos preconceitos morais. “Um indivíduo desaprende totalmente o silenciar, quando, como ele, foi por tão longo tempo toupeira, solitário” (Nietzsche, A, Prólogo, §1).

O presente texto, resultado de um projeto de iniciação científica, é um trabalho que buscou escavar a moral, como sugere a obra. Apoiemo-nos nos aforismos de *Aurora* e de outros fragmentos a cerca da moralidade dos costumes para melhor fundamentar o trabalho dissertativo que tem como objetivo a compreender as condições de possibilidade para uma nova moralidade.

## 2 A CRÍTICA DA MORALIDADE DOS COSTUMES EM AURORA

Como já acenado, a proposta e a tarefa de Nietzsche em *Aurora* consiste em questionar a confiança na moral. Essa problematização passará pela investigação acerca da origem da moral e de como se instituiu e, conseqüentemente, se concretizou como um terreno sólido que é a moral dos costumes. Nietzsche, portanto, vai descer até o alicerce dessa edificação, isto é, penetrar na sua história a fim de revelar o fundo dessas coisas transmitidas a muito tempo. As coisas que vivem muito tempo são dotadas de razão, ou seja, são consideradas em si e por si mesmas, como se não possuíssem uma gênese, uma história. Essas coisas que nos são transmitidas – tradição – sem considerar a gênese adquire um status de autoridade, diante da qual simplesmente se obedece. Portanto, a missão que Nietzsche se propõe é mostrar que as coisas não são como se tudo parecesse facilmente compreensível, sem contradições, dotadas de clareza racional. A história da moral não é exata, nem divina. Mas com o passar do tempo ela adquiriu essa independência da sua própria história, de maneira a desconhecer a sua gênese na desrazão. Examinar a história da moral é imprescindível para compreendermos a crítica que Nietzsche faz a ela.

Ao analisar a historicidade da moralidade, o filósofo alemão vai balançar essa construção para derrubar os fortes alicerces que se edificou a tradição. Todavia, a moralidade se firmou sobre um terreno que contém crença, livre-arbítrio, sujeito e, sobretudo medo e, é assim que a moralidade dos costumes se torna forte, pois faz uso de pontos importantes da humanidade para se fortalecer e dar continuidade a esse círculo vicioso que é a moral. Desse modo, percebe-se o espinhoso convite que Nietzsche nos faz para repensar e questionar a moral em busca de uma nova moralidade.

Em relação ao modo de vida de milênios inteiros da humanidade, nós, homens de hoje, vivemos numa época muito pouco moral: o poder do costume está espantosamente enfraquecido, e o sentimento da moralidade, tão refinado e posto nas alturas, que podemos dizer que se volatilizou (NIETZSCHE, A, §9).

Partindo desse aforismo, podemos considerar alguns pontos como: 1 O que é moralidade dos costumes? 2 Qual é a gênese da moral? 3 Por que

vivemos em uma época muito pouco moral? Essas são, portanto, perguntas que nos guiarão para compreendermos o sentido de moralidade dos costumes.

Afinal, o que é moralidade dos costumes? Nietzsche responde dizendo que a “moralidade não é outra coisa (e, portanto, *não mais!*) do que obediência a costumes, não importa quais sejam; mas costumes são a maneira *tradicional* de agir e avaliar” (NIETZSCHE, A, §9). A moralidade é um poder ordenador que determina o que se deve fazer e o que jamais poderá ser feito. A moral, segundo Nietzsche, corresponde a internalização das regras, costumes e modos de vida que não podem ser questionados. O fato de não questionar a moral por ser uma autoridade superior, contribui para a sua própria manutenção, isto é, sua própria existência. Nesse sentido, o instinto da obediência aos costumes torna a tradição efetiva.

A moral desde os primórdios tem uma função útil para a humanidade: domesticar e endireitar o sujeito com o objetivo de transformar animais selvagens por natureza em animais dóceis. Para a sua preservação, a moralidade dos costumes é contrária a tudo o que saia da norma e que poderia perturbar as suas convicções, seus hábitos e regras. A tradição, portanto, como natureza reguladora tem o dever de conter a violência potencial do sujeito, mas também toda excentricidade que poderia levar algum de seu membro a se singularizar.

Nessa perspectiva, nota-se que a moralidade dos costumes reduziu o sujeito a uma função, a um utensílio do rebanho, com a mais terrível das opressões. Com efeito, a tradição considera tudo o que é novo como uma ameaça, isso fica notório no aforismo §9 de *Aurora*: “o homem livre é não-moral, porque em tudo quer depender de si, não de uma tradição” (NIETZSCHE, A, §9). Aquele que se apresenta como individual, único, que pensa em si ao agir e avaliar o sujeito se torna inimigo designado da moral. Aquele que não obedece ao costume e, portanto, enfrenta o poder da tradição, deveria tornar-se um legislador, um criador de costumes. No entanto, esta prática mostra-se como perigosa, haja vista o poder ordenador que envolve o próprio costume e a conotação imoral daquele que o enfrenta (AZEREDO, 2003).

Paralelamente a isso, alguns acham reconfortante serem reduzidos a uma função do rebanho, porquanto ser apenas uma engrenagem em uma

máquina, integrar-se em um organismo como um de seus órgãos pode ser um propósito substituto. Na história humana, a domesticação dos indivíduos sempre consistiu no seu enfraquecimento deliberado. Para tornar o sujeito inofensivo e maleável, é preciso enfraquecê-lo, castrá-lo e então torná-lo ainda mais doente. A castração de toda individualidade que a moral efetua não serve, portanto, somente ao interesse do costume que dirige o rebanho, mas também ao interesse dos indivíduos que, por conforto, preferem colocarem-se como ovelhas. É conveniente esconder-se atrás dos princípios morais para ter que enfrentar os próprios desejos, pois pode ser oportuno executar cegamente os próprios deveres morais, sociais ou profissionais para não ter que procurar o próprio caminho.

Retomando a segunda pergunta colocada anteriormente, qual é a gênese da moral? Para Nietzsche a origem da moralidade dos costumes é muito anterior àquilo que chamamos de história universal, todavia, a moral sempre esteve presente desde as comunidades primitivas como uma “autoridade superior, a que se obedece não porque ordena o que nos é útil, mas porque ordena” (NIETZSCHE, A, §9). Portanto, a moralidade dos costumes tem sua gênese humana demasiada humana. Conforme a filosofia nietzschiana, os valores que norteiam um pensamento moral são decorrentes de pontos de vista humanos inseridos em determinado contexto histórico, removendo assim, a sua legitimidade num mundo que ultrapassa os sentidos<sup>9</sup>.

Sobre a terceira questão: Por que vivemos em uma época muito pouco moral? A obediência a costumes tem como base fundamental o supersticioso, com o objetivo de manter uma comunidade fiel aos seus próprios costumes tradicionais por mais tempo possível e isso acaba impedindo o sujeito de se sobressair perante a moralidade, todavia, a tradição faz uso do sentimento do medo para manter o seu pleno funcionamento. A moralidade dos costumes implica somente em obediências a costume e não interessa a origem ou os fundamentos dos costumes. E costumes são maneiras da comunidade agir e

---

<sup>9</sup> Segundo Safranski (2001, p. 167-168), especialmente em Aurora, “Nietzsche persegue os rastros da moral em retrospectiva até seu fundamento não-moral. A história da moral não é moral, e nos sentimentos morais não se move o que é bom no ser humano, mas manifesta-se toda uma longa história de costumes e características culturais. O fisiológico também tem aí seu papel. Quem age moralmente pode sentir-se como um ser moral, mas na realidade, explica Nietzsche, é essa história do corpo e da cultura que ‘age’ em nós” (SAFRANSKI, 2001, p. 167-168).

avaliar os indivíduos da comunidade. É importante ressaltar que só existe moralidade onde a tradição domina ou manda. A tradição é o que vai determinar a moralidade da comunidade, o poder dos costumes tem que ser rigoroso para sua transmissão constante aos herdeiros de uma comunidade. E o que vai determinar essa transmissão é a fortificação da maneira de agir e avaliar. A intensidade e o peso tradição, segundo Nietzsche, está ligado a uma espécie de coerção ao indivíduo que busca se sobressair do jugo da moralidade. “Através do sentimento do medo, a própria tradição mantém o funcionamento da moralidade dos costumes” (BARBOSA, 2020, p. 186).

Desse modo, note-se o quanto é difícil se desvencilhar de toda essa tradição que se impõem simplesmente porque ordena aí estar, portanto, o círculo da moralidade que delimita, castra e domestica toda vontade do sujeito. Paralelamente a isso, aquele sujeito que assume a sua individualidade e que ousa de algum modo ir contra os costumes preestabelecidos, torna-se um inimigo imoral da comunidade, inimigo da tradição. Desse modo, assumir a sua singularidade, isto é, se tornar um louco é a condição para uma nova moral. Tal proposta consiste num individualismo moral? Sobre esta questão veremos no próximo tópico.

### **3 INDIVIDUALISMO MORAL?**

Uma das condições para observarmos o despertar de uma nova aurora é o rompimento com a moralidade do costume, a qual é prejudicial ao indivíduo em benefício do todo social; como já apresentado anteriormente, para Nietzsche, a moralidade do costume não é outra coisa senão obediências a costumes, não importando quais esses sejam. Sendo costumes a maneira tradicional de agir e avaliar. Com isso, quanto menos a vida é determinada pela tradição menor é a área de atuação da moralidade. Por sua parte, a tradição é uma autoridade superior, a que se obedece não, porque, nos é útil, porém, porque essa ordena. Logo, em sua gênese, a ação boa é aquela que age de acordo, por obediência, aos preceitos morais. Por esse motivo, em todos os estados originais da humanidade ‘mau’ significa o mesmo que ‘individual’, ‘livre’, ‘arbitrário’, ‘inusitado’, ‘inaudito’, ‘imprevisível’ (NIETZSCHE, A, §9). Portanto, ser moral é diluir sua individualidade na totalidade do coletivo. Ademais, “A moral não tem apenas a forma da lei universal que comanda a

todos, mas seu conteúdo não é outra coisa senão a promoção, a consolidação da totalidade social” (VATTIMO, 2010, p. 288). Tendo em vista isso, estaria Nietzsche, propondo o individualismo? Mas, o que é individualismo? Conforme Abbagnano (2012), “Toda doutrina moral ou política que atribua ao indivíduo humano preponderante valor de fim em relação às comunidades que faz parte” (ABBAGNANO, 2012, p. 638).

A fim de respondermos se Nietzsche está promovendo um individualismo, analisemos em primeiro momento o que é este indivíduo proposto pelo filósofo alemão. Nietzsche empenhou-se, em romper com a tradição metafísica do Sujeito, isto é, o significado de sujeito como: “O eu, o espírito ou a consciência, como princípio determinante do mundo do conhecimento ou da ação, ou ao menos como capacidade de iniciativa em tal mundo” (ABBAGNANO, 2012, p. 1096), ou seja, o filósofo de *Aurora* nega a noção de um Eu o qual determina, por seus interesses, suas ações e seu saber; Nietzsche defronta-se com a possibilidade da totalidade da consciência. Para o autor, esse entendimento de compreender-se, isto é, ter-se intelectivamente é um erro perceptual, ou seja, uma quimera, a qual é posta pelos prestigiadores; e esses de acordo com Nietzsche, querem que vejamos uma causalidade simples, na qual tudo parece facilmente compreensível, onde na realidade está uma causalidade demasiadamente complexa, fazendo com que assim tornemo-nos os bufões da aparência (NIETZSCHE, A, §6).

Em vista disso, o mundo do indivíduo não é conhecido de forma externa ao corpo, não é esse uma construção racional, calçada pela metafísica, rompendo desse modo com falsos entendimentos unitários, estáticos e externos sobre o indivíduo. Com base nesse entendimento, podemos constatar que:

A moralidade não é negada com base no fato de que, na realidade quem alega agir por certos motivos é movido por outros (interesses, paixões, esperança de recompensa), mas com base no reconhecimento de que mesmo querendo ninguém pode indicar os verdadeiros motivos de suas ações, porque as ações são algo demasiado complexo para ser conhecidas mesmos por quem as realiza. Isso equivale a negar o pretensível caráter “último” da autoconsciência moral com base na qual alguém é considerado responsável por suas ações (VATTIMO, 2010, p. 289).



Essa ausência do Sujeito leva a ausência do livre arbítrio, isto é, da ação pensada, escolhida. Diminuindo assim, também, o escopo da ação moral.

Se apenas forem morais, como se definiu, as ações que fazemos pelo próximo e somente pelo próximo, então não existem ações morais! Se apenas forem morais — segundo outra definição — as ações que fazemos com livre-arbítrio, então não existem ações morais! — O que, então, é isso que tem esse nome, que de todo modo existe e pede explicação? São os efeitos de alguns erros intelectuais. (NIETZSCHE, A, §148).

Essa liberdade de ação, ou seja, ato estipulado cognitivamente para um obstinado fim em detrimento de outro não é possível, porque, o sujeito o qual executará esse evento não é viável. Em outros termos, o sujeito não existe. Uma vez rompida com essa característica metafísica do ser, Nietzsche, procura reabilitar o corpo ao pensamento filosófico, e coloca a consciência como apenas um identificador para algo que há no corpo. Partindo disso, o corpo é anterior a consciência; e, por conseguinte, superior a ela.

Tal reflexão, por exemplo, coloca-se em oposição ao pensamento antropológico cartesiano, para o qual, o ser é apenas uma substância pensante, e uma vez com essa característica, é independente do corpo e superior a ele. Nietzsche renega a dicotomia corpo e alma, isto é, corpo e consciência, centrando a consciência como ferramenta do corpo no corpo.

Visto isso, o filósofo do martelo constata que o indivíduo é corpo, e esse corpo é guiado por impulsos os quais coordenam e controlam nossas ações, pensamentos e inclinações. Por mais que nosso entendimento tente tomar partido, esse não consegue, pois, que imagem de um evento se lance em nosso pensar, essa já foi perpassada pelo crivo de nossos impulsos inconscientes, os quais buscam analisar as consequências de todas as possíveis ações as quais sejam passíveis de realização. Ludibriamo-nos que decidimos por uma ato quando suas consequências são em sua maior parte favoráveis. Temos um motivo para essa ação, porém, ainda sim, no momento de sua realização, somos atravessados por esses conflitos impulsivos inconscientes; levando assim, a saber, o que fazemos, porém não o motivo do que fazemos. Portanto, o indivíduo não é senhor de suas ações e nosso intelecto é um instrumento contingente de outro impulso.

A pretensa luta dos motivos. — Fala-se da “luta dos motivos”, mas com isso designado um conflito que não é o dos motivos. Ou seja: antes de um ato se apresentam à nossa consciência reflexiva, uma após a outra, as consequências de diferentes atos que acreditamos poder realizar, e nós comparamos estas consequências. Cremos que nos decidimos por um ato, ao constatar que suas consequências serão predominantemente favoráveis; antes que o nosso exame chegue a esta conclusão, com frequência nos torturamos honestamente, pela grande dificuldade em descobrir as consequências e vê-las em toda a sua força, todas elas, sem erro de omissão: nisso, além do mais, a conta tem de ser dividida com o acaso. E, para exprimir a dificuldade maior: todas as consequências, que são tão difíceis de constatar isoladamente, devem ser equilibradas umas em relação às outras na mesma balança; mas frequentemente nos falta, para essa casuística da vantagem, a balança com os pesos, devido às diferenças na qualidade de todas essas possíveis consequências. Supondo, contudo, que superemos também isso, e o acaso nos tenha posto na balança consequências mutuamente equilibráveis: então temos de fato, em nossa imagem das consequências de determinada ação, um motivo para realizar precisamente esta ação — sim, um motivo! Mas, no instante em que afinal agimos, com frequência somos condicionados por um gênero de motivos diversos daquele de que aqui falamos, o da “imagem das consequências”. Intervém aí o jogo habitual de nossas forças, ou um pequeno empurrão de alguém que tememos, veneramos ou amamos, ou a comodidade que prefere fazer o que está à mão, ou uma excitação da fantasia, provocada no instante decisivo por um trivial acontecimento qualquer, intervém algo físico, que surge de modo inteiramente imprevisível, intervém o humor, intervém a irrupção de algum afeto casualmente pronto a irromper: em suma, intervém motivos que em parte não conhecemos, em parte conhecemos muito mal, e que nunca podemos calcular antes nas suas relações mútuas. É provável que também entre eles ocorra uma luta, um empurrar e afastar, um subir e abaixar de pesos — e tal seria propriamente a “luta dos motivos”: — algo para nós completamente invisível e inconsciente. Calculei as consequências e resultados, e inseri um motivo muito essencial na linha de combate dos motivos — mas essa linha de combate não a estabeleço, tampouco a vejo: a luta mesma se acha oculta de mim, e igualmente a vitória, como vitória; pois eu venho a saber o que faço — mas não o motivo que propriamente venceu. Mas talvez estejamos habituados a não levar em conta todos esses fenômenos inconscientes, e cogitar na preparação de um ato somente na medida em que ela é consciente: assim confundimos a luta dos motivos com a comparação das possíveis consequências de atos diversos — uma das confusões mais ricas em consequências e mais nefastas para o desenvolvimento da moral! (NIETZSCHE, A, §129)

Com relação a esses impulsos, Nietzsche salienta que por mais que elevemos nosso autoconhecimento, ainda seremos demasiadamente carentes da interpretação da imagem da totalidade dos impulsos que constituem nosso ser. Não conseguiremos esclarecer a dinâmica do jogo de alimentação dos mais grosseiros deles. A alimentação de tais impulsos ressalta Nietzsche, é ainda obra do acaso, uma vez que nossas experiências diárias dão força ora a

um impulso ora a outro, força essa que é avidamente incorporada. Todavia, toda a dinâmica desse movimento está fora de qualquer escopo racional, isto é, o processo de fomentação dos impulsos; de modo que, destaca Nietzsche, sempre ocorrem dois movimentos: a inanição e definhamento de alguns impulsos e a excessiva alimentação de outros. Assim sendo, nossas experiências são todas meios de alimentação para nossos impulsos, mas distribuídos de forma irracional e cega, sem termos a noção de qual impulso está definhando e qual está fomentado.

O filósofo explicita utilizando de um linguajar figurado: supondo que um impulso carece de fomentação, ou carece do exercício de sua força, desafogo dela ou preenchimento de um vazio, este impulso considera cada evento exercido ao longo do dia, para seus fins, o impulso busca nessas ações, por exemplo, o indivíduo correndo, gritando, irritando-se; ele busca sua satisfação nessas atividades, e caso não encontre, ele continua sedento por isso, até que em um momento esse impulso debilita-se e ao decorrer do tempo com sua não satisfação, ele definha, tal como uma planta. Além disso, o autor, conjectura que nossos sonhos têm até certa medida a intenção de compensar a causa da ausência de “alimentação” de certo impulso durante o dia e exemplifica por essa afirmação a variedade de sentimentos e construções “vivenciadas” durante o sonho. Essas criações dão margem para o desafogo de nossos impulsos. São elas interpretações de nossos estímulos nervosos durante o sono, interpretações, livres, arbitrárias e particulares. E por mais que esses sonhos brotem dos mesmos estímulos nervosos, o motivo para sua diversificação é satisfação de variados impulsos. Nietzsche complementa, afirmando-nos que enquanto estamos acordados, nossos impulsos não possuem essa liberdade de interpretação e criação são menos desenfreados. Porém, o autor acrescenta que nossos impulsos ainda sim, na ora desperta, igualmente interpretam os estímulos de nossas terminações nervosas.

Ademais, Nietzsche coloca nossos juízos e valorações morais também, como imagens e fantasias de um processo fisiológico de nós desconhecido, sendo eles um tipo de linguagem adquirida para nomearmos certos estímulos nervosos (NIETZSCHE, A, §119).

Como vimos, o Homem, não é o responsável por suas ações, uma vez que essas são fruto de um conflito impulsos inconscientes e irracionais. Do

mesmo modo, o homem também não é responsável por seus sonhos, sendo esses o desafogo de impulsos não satisfeitos, sendo originado de nossos estímulos nervosos. Por conseguinte, podemos concluir que para Nietzsche a crença no livre arbítrio é uma ilusão.

O sonho e a responsabilidade. — Em tudo vocês querem ser responsáveis! Mas não pelos seus sonhos! Que miserável fraqueza, que falta de coragem conseqüente! Nada é mais seu do que seus sonhos! Nada é mais sua obra! Conteúdo, forma, duração, ator, espectador — nessas comédias vocês próprios são tudo! E justamente aí se envergonham e se amedrontam de si, e mesmo Édipo, o sábio Édipo, extraiu consolo do pensamento de que nada podemos fazer em relação ao que sonhamos! Disso concluo que a grande maioria dos homens deve ter consciência de sonhos abomináveis. Se fosse diferente, como exploraríamos em favor da arrogância humana essa noturna criação poética! — Devo acrescentar que o sábio Édipo tinha razão, que realmente não somos responsáveis por nossos sonhos — mas tampouco por nossa vigília —, e que a doutrina do livre-arbítrio tem por pais o orgulho e o sentimento de poder humanos? Talvez eu o diga com demasiada freqüência: mas pelo menos isso não o torna um erro (NIETZSCHE, A, §128).

Por fim, podemos concluir que ao criticar a moralidade do costume Nietzsche não está promovendo o individualismo. Vimos que além de solapar a tradição, ele também desenvolve uma dissolução do sujeito, pois, não é possível a valoração de uma ação, uma vez que não há um Sujeito para realizá-la, isto é o indivíduo livre e consciente.

O eu que reivindica a própria iniciativa original contra o conformismo geral, não é “mais confiável” que esse conformismo é um correspondente dele determinado como outro polo da mesma estrutura (VATTIMO, 2010, p. 292).

Portanto, Nietzsche, não está propondo o individualismo, uma vez que para o autor, esse Eu, consciente e livre não existe, e sua negação é necessária, pois, aceitar a unificação e totalidade de um sujeito, é confirmar a falsa responsabilidade humana, assumida como base para construções morais. Sendo assim, existe não individualismo na proposta nietzschiana, porque, não há um Indivíduo como centro da responsabilidade e da consciência. Negar-se enquanto sujeito, é está aberto a novas interpretações, sejamos indivíduos, isto é, nos construamos como ruptura, como dissolução. Coragem! Há tantas auroras que não brilharam ainda. Mas quais as condições para essas novas experiências de existência? Este será a nossa discussão no próximo tópico.

#### 4 LOUCURA E SOLIDÃO: CAMINHOS PARA NOVAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA

Nietzsche apesar de não escrever nenhum livro com o tema solidão e loucura objetivamente não deixa de notar a importância e o perigo de ambas como um dos aspectos essenciais do seu enfrentamento para a formação do ser humano, por isso é um tema recorrente em seus escritos, desde as primeiras obras até as finais. Mas é no livro *Aurora* que iremos nos atentar para a importância da solidão e da loucura como condições de possibilidade para uma reeducação do gênero humano.

Para o senso comum a solidão pode significar fragmentos de isolamento e abandono, enfraquecendo a vida humana. Trazendo um estereótipo de que pessoas solitárias tendem a ser rejeitadas e que são caracterizados com um vazio emocional e o não pertencimento a um determinado grupo. Tal compreensão acaba afastando os outros com atitudes negativas e defensivas.

Também da perspectiva usual, a loucura é considerada como algo insano, definida por pensamentos considerados anormais e a realização de coisas sem sentido pela sociedade. Como está presente no tema do aforismo 14, a loucura (*Wahnsinn*) é um traço que marca aqueles que fogem ao costume: “todos os homens superiores, que eram irresistivelmente levados a romper o jugo de uma moralidade e instaurar novas leis, não tiveram alternativa, *caso não fossem realmente loucos*, senão tornar-se ou fazer-se de loucos” (NIETZSCHE, A, §14). Nesse sentido, a loucura é tomada praticamente como uma medida para que o indivíduo não seja anulado sob a marca da ‘maldade’ e da ‘imoralidade’. O louco, nesse contexto, marca também aqueles que, de alguma forma, devem se colocar no papel de liderança de uma comunidade; são os “inovadores em todos os campos”, mas também “os santos da idade média”, “os *angekok* entre os nativos da Groenlândia” os “pajés entre os brasileiros” (NIETZSCHE, A, §14). Apesar da pressão da moralidade do costume (NIETZSCHE, A, §9), sob a qual viveram todas as comunidades humanas por muito tempo antes do nosso calendário, “sempre irromperam ideias, valorações, instintos novos e divergentes” (NIETZSCHE, A, Livro I, §14, p. 20). De acordo com Nietzsche, é a loucura que abre alas para a

nova ideia, que quebra o encanto de um uso e uma superstição venerados. Essa nova ideia não é marcada por remorsos, mas reverência e temor ante a si mesmo. A loucura foi compreendida pelos homens de outrora como sinal de sabedoria, algo “divino”. A loucura tornou-se condição para romper o jugo de uma moralidade e instaurar novas leis. Se a perspectiva é lançada então para o âmbito da cultura, percebe-se que os indivíduos não-morais são, de certa forma, necessários em virtude de sua possibilidade de criação (ZATTONI, 2017, p. 39-40).

Por isso é comum que solidão e loucura sejam consideradas como uma experiência estranha ou, no caso da loucura, como uma doença<sup>10</sup>. No entanto, o que se pode observar a partir da leitura do livro *Aurora* é que a solidão e a loucura são condições para abraçar uma nova experiência de vida que se distancia daquela proposta como sendo padrão, reconhecido como normal. No fragmento §491, observa-se:

Estando entre muitos, vivo como muitos e não penso como eu; após algum tempo, é como se me quisessem banir de mim mesmo e roubar-me a alma — e aborreço-me com todos e receio a todos. Então o deserto me é necessário, para ficar novamente bom (NIETZSCHE, A, V, §491).

Deste modo, é fato que solidão e loucura vistas como doença só existem em relação a uma compreensão devedora de um padrão, dito como normalidade.

A condição de pessoas doentes que se acham longa e terrivelmente martirizadas por seus sofrimentos, mas cujo entendimento não é turvado por isso, é algo de valor para o conhecimento – ainda sem contar os benefícios intelectuais trazidos por toda solidão profunda, toda súbita e lícita liberdade em relação a deveres e hábitos (NIETZSCHE, A, §114). A dor personaliza. É a minha dor. Benefícios trazidos por toda solidão profunda, toda súbita e lícita liberdade em relação a deveres e hábitos... Se até então ele viveu em algum perigoso devaneio, essa extrema sobriedade causada pela dor é o meio de arrancá-lo disso, talvez o único meio.

---

<sup>10</sup> Frayze-Pereira (1984) questiona o vínculo tradicionalmente estabelecido como necessário entre loucura e patologia; ademais, busca compreender, ainda que em linhas muito gerais, como se tornou possível a loucura no mundo moderno. Cf.: FRAYZE-PEREIRA, João A. **O que é loucura**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Sendo assim, a solidão é um distanciamento dessa normalidade da maioria, uma oportunidade para o indivíduo conhecer a si mesmo uma trilha para o autoconhecimento. É diferente do que pensa o senso comum, solidão é uma emoção humana universal que cada indivíduo a vivencia de maneira única. Mas o indivíduo faz isso quando olha pra dentro do abismo que existe em si, através da coragem para trilhar esse caminho. Para tanto, faz-se necessária a dor de sair da zona de conforto colocada pela normalidade. Com isso, podemos apreciar nossa própria companhia aonde quer que possamos estar em vez de temê-la como fazem os medrosos. Ficar só na sociedade globalizada atual contemporânea, em que vivemos, é quase como um pesadelo. Podemos exemplificar com a experiência da pandemia do coronavírus quando fomos obrigados, por questões de saúde coletiva, a ficarmos em casa. No entanto, o que se via era sempre uma desculpa para rompermos com esse isolamento. Sair da solidão seria medo do nosso eu e de nossos próprios fantasmas e das nossas singularidades? Nós mesmos devemos assumir nossas próprias vidas, se não os outros o fará por nós.

Assim, para criarmos novas experiências de vida e de existência é necessária a conscientização de que a experiência negativa de passar pela solidão e a loucura é um caminho para rompermos com a moral tradicional e o padrão predisposto. Reconhecer isso abre caminho para uma visão experimental da existência: “novas experiências de vida e de comunidade devem ser realizadas” (NIETZSCHE, A, §164). O que são, então, nossas vivências? “São muito mais aquilo que nelas pomos do que o que nelas se acha! Ou deveríamos até dizer que nelas não se acha nada? Que viver é inventar? (NIETZSCHE, A, §119). Ainda há novos pontos de vistas, novas descobertas, novas auroras que ainda estão por vir...

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A moral foi entendida como obediência. Enquanto autoridade, ela soube usar métodos para manter-se distante às críticas. Alguns desses meios são a força e o medo; mas a moral também seduziu, entusiasmou. Estabeleceu um norte, um ideal pra vida das pessoas. O pensamento nietzschiano busca mudar esta reflexão. Ou seja, em *Aurora*, a moral foi colocada em questão. A problematização da moral é um convite a assumir uma determinada postura

frente aos valores e avaliações que foram estabelecidos, que estimamos e que ainda serão legislados futuramente.

Na perspectiva nietzschiana, a moralidade não é outra coisa senão obediências a costumes, e não importam quais sejam. Costumes, por sua vez, são a maneira tradicional de agir e avaliar. Na sua origem, a ação boa é aquela que reproduz, por obediência, os preceitos tradicionais. Romper com a tradição não é visto como uma atitude moral. Por esta razão, o individual é considerado um mal. No entanto, sempre irromperam valorações novas. A loucura e a solidão tornaram-se as condições para romper o jugo de uma moralidade e instaurar novas leis. Nesse sentido, a loucura é tomada praticamente como uma medida para que o indivíduo não seja anulado sob a marca da 'maldade' e da 'imoralidade'. Louco são os inovadores em todos os campos. A solidão é um momento de sobriedade, de revigoração. Ela é profilática, isto é, preventiva.

## **ABSTRACT**

The present research project aims to understand the conditions of possibilities for a new morality in *Aurora: reflections on moral prejudices* (2016). This book sets itself the primary task of problematizing morality. In the Nietzschean perspective, morality is nothing but obedience to customs, and it does not matter what they are. Customs, in turn, are the traditional way of acting and evaluating. In its origin, good action is that which reproduces, by obedience, the traditional precepts. Breaking with tradition is not seen as a moral attitude. For this reason, the individual is considered evil. However, new values have always erupted. Madness and solitude became the conditions for breaking the yoke of morality and establishing new laws. In this sense, madness is taken practically as a measure so that the individual is not annulled under the mark of 'evil' and 'immorality'. Mad are the innovators in all fields. Solitude is a moment of sobriety, of reinvigation. It is prophylactic, that is, preventive.

Keywords: Nietzsche. Moral. Subject. Solitude. Madness

## **REFERÊNCIAS**

ABBAGNANO, N. Individualismo. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 638.

ABBAGNANO, N. Sujeito. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p.1096.



AZEREDO, V. D. de. **Nietzsche e a dissolução da moral**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

BARBOSA, L. R. Nietzsche e a proto-genealogia de Aurora: a moralidade dos costumes e os sentimentos morais. **Primeiros Escritos**, São Paulo, n. 10, pp. 181-205, 2020.

DIAS, Geraldo. Aurora: uma obra de transição no conjunto dos escritos de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 34, vol. 1, pp. 231-254, 2014.

FRAYZE-PEREIRA, João A. **O que é loucura**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SAFRANSKI, R. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**. Tradução Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

VATTIMO, G. **Diálogo com Nietzsche**. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ZATTONI, R. Genealogia como crítica em Nietzsche. 2017. 179 f. **Dissertação** (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2017.